
Discursos e contratos midiáticos na Amazônia Ocidental¹

Francisco de Moura PINHEIRO²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

Resumo

Nos primeiros anos do século XXI, um neologismo invadiu os lares acreanos. Ninguém que viveu no Acre naquela época deixou de ouvir a palavra “florestania”. Tratava-se de um vocábulo oriundo da junção de dois outros: “floresta” e “cidadania”. Criado por militantes de uma coligação de partidos políticos de esquerda, o que eles pretendiam era constituir um ponto nodal a partir do qual pudessem ser irradiadas as ideias de uma política pública supostamente voltada para o desenvolvimento sustentável, a partir da preservação da natureza. Para que isso fosse possível, todos os meios de comunicação do Estado deveriam ser usados à exaustão. O objetivo desse artigo é tecer considerações sobre esse fenômeno, especificamente a partir de um programa de entrevistas na TV Aldeia, e à luz de autores como, entre outros, Charaudeau (2006) e Santos (1995; 2010).

Palavras-chave: comunicação; ecologia dos saberes; florestania; política; televisão.

1. A arte da entrevista

Uma entrevista pode tomar os mais diferentes rumos, dependendo da condução dada pelo entrevistador. É preciso escolher com bastante critério o entrevistado, conhecer o máximo possível dele, seja da sua competência ante o assunto a ser abordado, seja das suas variações de humor ou, até mesmo, sobre a corrente de pensamento e respectiva ideologia a qual o mesmo se filia. “O humor do entrevistado, o domínio que ele tem da pauta ou o tempo disponível para a conversa, por exemplo, podem influenciar bastante o resultado” (OYAMA, 2013, p. 13). No que se refere ao conhecimento do entrevistador sobre a figura do entrevistado, essa é uma condição imprescindível para conquistar a confiança deste por aquele. O entrevistado percebe rapidamente se o entrevistador sabe quem ele é o do que está falando. Em caso negativo, a tendência é responder de maneira protocolar e sem muito interesse.

¹ Trabalho apresentado no DT8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e jornalista na Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: fdandao@gmail.com.

Para além desses aspectos, ressalte-se que uma entrevista jornalística traz na sua essência as especificações de um contrato midiático, onde o “entrevistador e o entrevistado são ouvidos por um terceiro-ausente, o ouvinte, num dispositivo triangular” (CHARAUDEAU, 2006, p. 214). Ao entrevistador, primeiro vértice desse triângulo, compete a tarefa de fazer o entrevistado falar, revelar algum tipo de verdade oculta ou reafirmar algum detalhe ainda nebuloso de um tema relevante. Ao entrevistado, segundo vértice, cabe o papel do sujeito que detém algum tipo de saber de interesse comum, que precisa ser dividido com todos os membros de uma audiência. E ao terceiro vértice desse contrato comunicacional, no caso o ouvinte, resta o papel de sujeito que está à espera de alguma informação nova que possa carregar no seu bojo uma revelação em prol da maioria das pessoas. O ouvinte perde o interesse se não houver uma revelação.

Entre as múltiplas possibilidades de entrevista, a partir dessas condições citadas nos dois parágrafos anteriores, surgem como variantes de entrevistas as seguintes modalidades: entrevista política, entrevista de especialista, entrevista de testemunho, entrevista cultural e entrevista de estrelas.

No que concerne à entrevista política, esta se define por se referir à vida cidadã e também pelos detalhes relativos à identidade construída pelo entrevistado. O personagem da entrevista, “enquanto convidado, é um ator representante de si mesmo ou de um grupo que participa da vida política ou cidadã, e que tem um certo poder de decisão ou de pressão” (CHARAUDEAU, 2006, p. 215). O entrevistado, ainda no dizer de Charaudeau (2006), tem consciência de que as suas palavras deverão ser interpretadas das mais diferentes maneiras. E, assim, via de regra, ele não pode dizer tudo da maneira exata como ele pensa, sob pena de causar irreversíveis desastres para o grupo e as ideias que ele representa.

Por outro lado, o papel do entrevistador é fazer com que o entrevistado diga tudo o que pensa e, até, demonstre suas intenções ocultas. Esse é um gênero de entrevista que “se presume por à disposição da opinião pública uma série de julgamentos e de análises que justifiquem o engajamento do entrevistado” (CHARAUDEAU, 2006, p. 215).

Já a entrevista de especialista, o seu propósito é trazer à luz detalhes técnicos relativos aos mais diversos aspectos humanos, seja do ponto de vista social, econômico, científico etc. Um determinado especialista, de qualquer ramo do saber, que pode ser ou não desconhecido do grande público, é convocado para “responder a questões técnicas, esclarecer um problema, orientar o debate público sobre o tema tratado, sabendo que

deve simplificar sua explicação para torná-la acessível a não especialistas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 215).

O papel do entrevistador, nesse tipo de peça jornalística, é o de curioso e, de alguma forma, ingênuo. Ele, entrevistador, deve encarnar o papel do ouvinte, fazendo perguntas que possam suprir a necessidade de quem assiste, sempre levando em conta que este último sabe muito pouco ou nada do assunto tratado. O entrevistador é, por assim dizer, um tradutor da mensagem do especialista. “A entrevista de expertise é um gênero que se resume a fornecer à opinião pública um conjunto de análises objetivas, trazendo a prova de sua legitimidade pelo saber e pelo saber dizer” (CHARAUDEAU, 2006, p. 215).

No caso da entrevista de testemunho, duas vertentes definem o seu propósito: o relato de um fato/acometimento considerado interessante para ganhar os canais midiáticos; e uma opinião a respeito de qualquer coisa relevante que esteja acontecendo. De modo geral, o entrevistado é uma pessoa sem qualquer notoriedade, que só ganha o status de depoente por ter sido vítima ou observador do fato em evidência. O que se imagina nesse tipo de entrevista é que o entrevistado relate apenas os fatos vistos ou ouvidos. Ou então, dependendo da situação, que o entrevistado seja representante de algum tipo de categoria profissional, de classe, social etc.

O entrevistador aqui deve participar como um ser que faz o jogo da emoção, externando isso nas suas perguntas ou nos seus comentários a partir das respostas do entrevistado. Esse entrevistador deve ter em mente que não se trata de um *talk-show* e, assim sendo, o testemunho do entrevistado não deve se estender demasiadamente. “A entrevista de testemunho é um gênero que se presume confirmar a existência de fatos a despertar a emoção, trazendo uma prova de autenticidade pelo visto-ouvido-declarado” (CHARAUDEAU, 2006, p. 216).

A ideia da entrevista cultural é uma tentativa de mergulho nos mistérios da criação, tratando, por assim dizer, primordialmente, de aspectos constitutivos da vida literária, cinematográfica, musical, artística etc. “O convidado”, explica Charaudeau (2006, p. 216), “geralmente autor de obras publicadas (ou simplesmente um crítico), tem maior ou menor notoriedade, mas, de todo modo, fica consagrado pelo simples fato de ter sido convidado”.

Ao entrevistador é reservado o papel de representar uma multiplicidade de papéis discursivos que vão da intimidade, passando pela convivência e pelo entusiasmo, e

chegando até ao conhecimento dele sobre a obra do entrevistado. Tudo isso, visando extrair do entrevistado alguma explicação que possa revelar a essência da criação do artista. Uma tarefa difícil, se não impossível, pelo fato de que a criação nem sempre (ou quase nunca) pode ser apreendida e manifestada de forma assim tão consciente. Charaudeau (2006, p. 216) afirma que “a entrevista cultural é um gênero que se presume enriquecer os conhecimentos do cidadão, e que se justifica pela resposta à pergunta: Como é que ele faz?” que se opõe ao “Como funciona?” do especialista”.

Por fim, falando da entrevista de estrelas, o que se configura como seu propósito é esmiuçar detalhes sobre a vida das personalidades do mundo dos espetáculos. O entrevistado, que pode ou não estar em evidência na época da entrevista, precisa manter sua visibilidade na mídia para não perder a respectiva notoriedade. E assim, ele “se presta, com maior ou menor boa vontade, às perguntas do entrevistador, que procura fazê-lo falar de sua vida particular” (CHARAUDEAU, 2006, pp. 216-217). O entrevistador, por sua vez, tenta penetrar no espaço da intimidade do entrevistado a partir de estratégias discursivas que abrangem questões relativas à sedução, à provocação, à conivência, à impertinência, à insolência e, igualmente, à emoção.

2. O discurso da floresta

Essas distintas modalidades de entrevistas brevemente explicitadas no capítulo anterior foram exaustivamente usadas em um programa de televisão no Estado do Acre, nos primeiros anos do século XXI, para reforçar o discurso do governo da época, no que diz respeito às questões referentes ao desenvolvimento sustentável. Para que se possa compreender essa afirmação configura-se necessário que seja empreendida uma contextualização dos fatos, estabelecendo como marco inicial do processo o ano de 1999, quando o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu o posto máximo do governo do referido Estado.

As eleições de 1998, no Acre, alçaram ao poder os integrantes de uma coalização de partidos de esquerda (PT, PCB, PC do B, PV e PDT), coligados sob o nome de Frente Popular. Sua principal proposta de luta era a questão da preservação ambiental, a partir da superação do antropocentrismo e do respeito pela natureza. É exatamente isso o que se depreende das palavras de um dos principais articuladores da campanha vitoriosa, Antônio Alves Leitão Neto, indivíduo que assumiria o cargo de secretário de cultura no primeiro mandato do governador Jorge Viana (1999-2006). O

antropólogo Horácio Sant’Ana Júnior (2004) colheu o depoimento de Antônio Alves Leitão Neto sobre o projeto da Frente Popular enquanto dirigente maior do Acre.

Quais os elementos do nosso projeto? Em primeiro lugar, reconhecimento da primazia indígena. Existem povos que estão aqui e que conhecem a nossa região e cuja ciência deve ser respeitada. Esse é o ponto um. Mas, antes dele, tem um ponto zero. É o de que o antropocentrismo deve ser superado. O homem é parte da natureza, ele não é dono da natureza, ele não é toda a natureza, ele é uma parte dela. Ele tem direito, assim como o rio, o sol, a lua, a estrela, a paca, o tatu, a cotia, o mogno, a cerejeira, a imbaúba, a samaúma. Todos os habitantes do planeta têm o direito de viver e ser ouvidos, de ser escutados. Esse novo contrato natural, é assim que está sendo chamado por aí afora, que transcende a abarca o contrato social, é o ponto zero, o ponto primordial do nosso pensamento. O ponto um seria a primazia dos povos indígenas e a validade do seu conhecimento e da sua cultura. O ponto dois seria talvez o reconhecimento dos direitos das populações, além da população indígena, que passaram a habitar essa região: ribeirinhos, seringueiros, extrativistas de uma maneira geral, que são os povos da floresta. Estes povos existem e devem existir da maneira como eles queriam existir (...). (SANT’ANA JÚNIOR, 2004, pp 287-288)

A partir de toda essa corrente de pensamento voltada para a preservação ambiental, sempre no dizer de Antônio Alves Leitão Neto, em seu depoimento a Sant’Ana Júnior (2004), os ideólogos do PT acreano, logo em seguida à Frente Popular vencer as eleições de 1998, criaram o neologismo “florestania”, unindo numa mesma palavra os vocábulos “floresta” e “cidadania”. O neologismo pode ser caracterizado como um ponto nodal, cujo objetivo é difundir a ideia de um governo voltado para a exploração sustentável dos recursos florestais, “bem como de prometer proporcionar bem-estar às pessoas que nasceram, cresceram e vivem até hoje no meio da floresta, usando os benefícios desta para sobreviver” (PINHEIRO, 2013, p. 22). O poder representativo, outorgado pelas urnas à Frente Popular, por assim dizer, ao estabelecer o neologismo “florestania”, tenta firmar um pacto discursivo com a população, baseado no equilíbrio das relações entre os seres humanos e o ambiente.

O significado específico de florestania pode ser encontrado nas palavras do próprio Antônio Alves Leitão Neto.

“A cidadania na floresta” – costuma ser a resposta simples e apressada. É isso, sim, mas é algo mais. Além de um conjunto de relações sociais, direitos, deveres, leis e conquistas, a florestania é um sentimento que pode ser expresso da seguinte forma: a floresta não nos pertence, nós é que pertencemos a ela. Esse pensamento nos induz a estabelecer não apenas um novo pacto social, mas um novo pacto natural baseado no equilíbrio de nossas ações e relações no ambiente em que vivemos. É um sentimento orientador para nossas escolhas

econômicas, políticas e sociais – e por isso inclui a cidadania – mas orienta também as nossas escolhas ambientais e culturais – e por isso a transcende. (ALVES in www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/colaboradores)

No que diz respeito às proposições do governo da Frente Popular do Acre, liderado pelo PT, a florestania deveria avançar levando em conta cinco aspectos: o econômico, o social, o político o ambiental e o cultural. O primeiro deles, o econômico, deveria cuidar para que todos os habitantes do Acre pudessem ter boas condições de vida. O aspecto social, para que ninguém precisasse abandonar os seus locais de origem. A questão política, para fazer com que todos os envolvidos no processo, das mais variadas camadas da população, pudessem participar das decisões. O vértice ambiental, porque não seria possível, na visão dos ideólogos da florestania, desenvolver as outras ações se os recursos naturais fossem depredados. E o aspecto cultural deveria ser levado em conta para que fosse possível cuidar das questões relativas à identidade regional.

Esse aspecto cultural, no dizer de Antônio Alves Leitão Neto, em depoimento a Sant’Ana Junior (2004), se constituía no chão de toda a sustentabilidade.

O nosso *check list* das sustentabilidades, ao levar em conta a sustentabilidade cultural está querendo dizer o seguinte: nós temos identidade, esta identidade é produto de uma longa caminhada da humanidade, ela não pode ser desprezada, ela não pode ser desconhecida, ela é fruto de muito sofrimento. Cada uma das nossas cicatrizes tem que ser respeitada, cada uma das línguas que nós falamos aqui tem que ser preservada, cada um dos hábitos, dos costumes, do tipo de comportamento tem que ser considerado porque isso aqui foi a nossa sobrevivência, nós sobrevivemos assim... Então, nós temos uma cultura que deve ser levada em conta na hora em que a gente for pensar o nosso desenvolvimento. Se não for sustentável no ambiente dessa cultura, não vai ser sustentável nem economicamente, nem ecologicamente, nem politicamente, nem socialmente. Então, a sustentabilidade cultural é o chão de toda a sustentabilidade. (SANT’ANA JÚNIOR, 2004, p. 290)

Nem os militantes da Frente Popular, de maneira geral, nem os ideólogos do PT acreano, de maneira específica, dizem, mas todas essas diretrizes da florestania parecem emanadas das ideias contidas na “ecologia dos saberes”, teoria proposta pelo sociólogo português Boaventura Sousa Santos (2010) para confrontar o que ele chama de “pensamento abissal”, que separa o conhecimento em partes distintas, valorizando somente o que emana da ciência e da academia.

O sociólogo português chegou a esse raciocínio por entender que a emergência do capitalismo acabou provocando dois efeitos complementares ao longo do tempo.

Primeiro, esgotou o projeto de modernidade. Segundo, o fez de um jeito que se perpetua nesse esgotamento. Por conta disso, explica Boaventura Sousa Santos (1995, p. 102), é que “a ideia moderna da racionalidade global da vida social e pessoal acabou por se desintegrar numa miríade de mini racionalidades ao serviço de uma racionalidade global, inabarcável e incontrolável”. Essas mini racionalidades da vida, no dizer de Boaventura, devem ser reinventadas, de modo que “deixem de ser partes de um todo e passem a ser totalidades presentes em múltiplas partes. É esta a lógica de uma possível pós-modernidade de resistência” (SANTOS, 1995, p. 102).

O reconhecimento, então, da pluralidade de conhecimentos heterogêneos, bem como da organização da vida a partir de mini racionalidades, é a base da ecologia dos saberes, no pensamento de Boaventura Sousa Santos. Exatamente, ou de forma muito semelhante, com o que é proposto na teorização da florestania pelos ideólogos petistas acreanos.

Nada dessas propostas da Frente Popular, porém, ganharia contornos práticos se não pudessem ser disseminadas no meio da população acreana. E então, os dirigentes da referida coligação entenderam que a mídia teria uma importância crucial. Tanto que a principal estratégia do governo do PT foi a de fortalecer os mecanismos de comunicação social à disposição no Estado. “Quando a gente fez essa opção pela floresta, a gente identificou que precisava dar uma atenção muito especial ao meio radiofônico de comunicação” (PINHEIRO, 2013, p. 39), disse o então assessor de comunicação do Estado, jornalista Aníbal Diniz. “Havia a necessidade”, completou o referido jornalista (PINHEIRO, 2013, p. 39), “de se levar às localidades mais distantes as informações alusivas ao governo e também à multiplicação desse conhecimento próprio dos povos da floresta”.

A comunicação social foi entendida como tão importante para a disseminação da ideia da florestania que a primeira providência do governo do Estado nesse sentido foi aumentar em mil por cento a potência da principal e mais antiga emissora de rádio local, a Rádio Difusora Acreana – AM. No relato do assessor Aníbal Diniz, pode-se compreender a percepção da equipe do Governo tão logo assumir o poder.

A nossa preocupação se fez logo de cara quando a gente percebeu que a Rádio Difusora Acreana era o nosso principal veículo de comunicação, mas era um instrumento pouco potencializado. Quando nós assumimos o Governo, a Rádio Difusora Acreana funcionava com um quilo de potência, o que é muito pouco para uma rádio AM que pretende chegar ao Estado todo. A gente fez, então, imediatamente, uma solicitação ao Ministério das Comunicações, elevando a

capacidade da rádio para dez quilos de potência. O Governo do Estado comprou um transmissor novo e a gente aumentou muito a capacidade de irradiação da emissora. Eu creio que essa foi uma das providências mais importantes tomadas naquele momento. (PINHEIRO, 2013, p. 39)

Esse foi, efetivamente, o primeiro passo dado pelo governo do PT, líder da Frente Popular do Acre, para criar condições de disseminação do ideário da florestania. Mas houve muitos outros. Na sequência, o governo tratou de dotar as principais cidades acreanas de emissoras de rádio FM, com programação uniforme, gerada a partir da capital Rio Branco. Além disso, distribuiu, a partir de cotas de publicidade, dinheiro para todos os órgãos de imprensa (jornais, rádios e emissoras de televisão) dispostos a reproduzir o discurso oficial. E, por último, reestruturou a emissora de televisão denominada Aldeia, produzindo uma programação totalmente voltada para a divulgação da referida florestania. Entre as diversas peças produzidas pela TV Aldeia, um programa denominado “Identidade – O Acre tem muito mais”, cujo conteúdo serve de base para as argumentações contidas neste artigo.

3. Programa Identidade – O Acre tem muito mais

Nos dois primeiros anos de mandato do governo da Frente Popular (1999-2006) foram produzidas dezenas de peças alusivas à questão da florestania para veiculação na TV Aldeia, sediada em Rio Branco, e respectivas estações retransmissoras instaladas em diversas cidades do interior do Estado. Entre essas peças, destacou-se um programa de entrevistas denominado “Identidade – O Acre tem muito mais”, levado ao ar entre os anos de 2002 e 2003, com apresentação da cientista social Elisângela Pontes.

No formato de um *talk show*, o programa tinha a duração de uma hora, dividido em três blocos de 15 minutos, com intervalos publicitários (propaganda política do governo do Acre) constituídos por peças direcionadas para o aspecto da valorização dos povos da floresta, invariavelmente sob o prisma de que no Acre as pessoas possuíam melhor qualidade de vida do que em qualquer outro lugar do mundo, graças ao advento da florestania.

As peças publicitárias entre os blocos do programa “Identidade – O Acre tem muito mais” eram constituídas por imagens da floresta; sítios históricos; cenas de desenvolvimento sustentável empreendidas pelo governo da Frente Popular, aspectos bucólicos de cidades do interior do Estado; ações diretamente ligadas à ideia de

florestania; imagens do falecido seringueiro Chico Mendes caminhando na floresta; fotografias de Plácido de Castro, líder da revolução que resultou na anexação do espaço territorial acreano ao Brasil, cuja posse anterior era da Bolívia; e imagens de saudosismo de supostas boas coisas existentes no Acre na primeira parte do século XX.

Um locutor de voz grave fazia o papel de condutor das cenas exibidas nas peças publicitárias, dizendo o texto transcrito abaixo.

Florestania é o que o mundo inteiro precisa. É cultivar a terra e viver em harmonia com o meio ambiente. O Governo da Floresta busca isso. Devolver a floresta ao homem, com o nosso povo desfrutando da melhor qualidade de vida do nosso milênio. O desafio é mostrar ao Brasil e ao mundo que toda essa riqueza pode ser compartilhada, desde que o façamos com sabedoria e criatividade. Acre: Governo da Floresta! (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003)

Os personagens convidados para ser entrevistadas no programa “Identidade – O Acre tem muito mais” deveriam todas, evidentemente, estar engajadas, de alguma forma com a ideia da florestania. E elas deveriam ao mesmo tempo possuir alguma forma de representação e/ou destaque social, político, econômico ou cultural para que suas palavras pudessem servir de exemplo aos que ainda duvidassem do acerto da nova ideologia. Nenhuma perspectiva de ator público dissonante ou crítico deveria ser (assim como, de fato, não foi) ser convidado. Dessa forma, emprestaram suas imagens e vozes ao programa historiadores, jornalistas, militares, intelectuais, políticos, escritores, advogados e religiosos, entre outros, de notória visibilidade na sociedade acreana. Todos defendendo o acerto do caminho ideológico traçado pelos petistas.

A título de exemplo, e para fazer uma ponte com as modalidades de entrevistas relacionadas no primeiro capítulo deste artigo, dois desses personagens entrevistados pelo programa “Identidade – O Acre tem muito mais” serão destacados a partir deste ponto: Leonardo Boff, religioso profundamente identificado com a causa da preservação ecológica planetária, com dezenas de artigos e livros publicados sobre o tema, além de entusiasta da ideia da florestania, conforme alguns dos seus escritos; e Marina Silva, uma acreana “de aparência frágil que nasceu no meio da floresta, só conseguiu se alfabetizar depois de adulta, mas que chegou a ser Ministra de Estado do Meio Ambiente (primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva)” (PINHEIRO, 2013, p. 130). Ela também uma entusiástica defensora da florestania.

O fragmento da fala de Leonardo Boff transcrito a seguir é representativo do pensamento dele enquanto defensor da florestania.

Em primeiro lugar, eu acho que é um conceito altamente interessante para um governo. Porque a aceitabilidade de um governo depende muito da metáfora que ele usa, metáfora que mobiliza as populações. Por exemplo, Governo da Floresta, florestania... Quer dizer, uma nova visão de governo, incluindo a floresta, os povos da floresta e aquilo que significam. Eu considero o conceito altamente rico, pra entender dimensões novas de realidade. Um conceito econômico, porque desloca o conceito de desenvolvimento para a indústria, e do desenvolvimento convencional, para um novo sentido de desenvolvimento, ligado ao ecossistema daqui. E é a floresta. A floresta na Amazônia, no Acre, é um grande ator, um grande ator social, está presente aí, junto com os povos da floresta, os ribeirinhos, os indígenas, os seringueiros. Então, um governo que capta essa singularidade, que monta uma política que atenda a isso, enraíza aqui e mostra um perfil que se mostra pra fora. Então, isso é extremamente inteligente (...). (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/20023)

Leonardo Boff, que pode ser enquadrado tanto nos conceitos da “entrevista de especialista”, pelo que ele pode “traduzir” sobre o tema, quanto na “entrevista cultural”, pelos inúmeros livros que ele escreveu sobre o assunto, fez um discurso de total aprovação às ações do Governo da Frente Popular do Acre. Como defensor da causa da preservação, Boff é considerado uma autoridade no assunto. E, dessa forma, nada melhor do que a sua voz para legitimar as atitudes dos governantes acreanos.

Enquanto isso, em se tratando de Marina Silva, igualmente um fragmento do seu discurso no programa “Identidade – O Acre tem muito mais” configura-se significativo para apoiar a causa da florestania, conforme se pode observar na transcrição a seguir.

(...) essa consciência tem surgido com uma força muito grande e nós aqui do Acre e da Amazônia demos uma contribuição muito grande com relação a isso. Porque a gente não só falou... Eu acho que a gente até viveu muito mais do que falou... Nós não temos muita teoria sobre o que é o desenvolvimento sustentável, nós não temos, digamos assim, muitos pressupostos filosóficos nem teóricos sobre o que é a ideia mesmo de uma relação sustentável dos recursos naturais. E essa sustentabilidade, como ela se traduz em todas as dimensões da esfera social, cultural e política. O que nós temos é prática. Quando eu digo nós me refiro a um grupo de pessoas, e aí nós temos que ser honestos... Os seringueiros, os índios, os caboclos, as pessoas dessa Amazônia inteira, elas é que é que nos ensinaram tudo isso (...). Enfim, os meios de comunicação, que nos dão uma atenção maior. (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003)

Pelas palavras de Marina Silva, a florestania não é somente uma figura de retórica, um conceito gerado oportunisticamente num laboratório pelos dirigentes políticos acreanos da época. De acordo com ela, os envolvidos no processo, políticos profissionais ou técnicos a serviço do Governo, falam e agem da mesma forma. E sabem que estão no caminho certo e que, assim sendo, podem servir de exemplo para outros, porque aprenderam o seu fazer com as práticas dos povos da floresta. Povos esses que, no entendimento dela, a partir da florestania passaram a ser valorizados, não precisando mais abandonar os seus locais de origem para ganhar a vida. É possível dizer que a prática discursiva de Marina Silva estabelece uma relação direta entre os elementos constitutivos de um contexto social a partir de variáveis contidas na florestania.

Marina Silva, que dentro daquela classificação das modalidades de entrevista, pode ser enquadrada no conceito de “entrevista política”, pelos seus cargos públicos, e de “entrevista de testemunha”, pela sua origem e experiência de vida, da mesma forma que Leonardo Boff, também legitima e dá credibilidade ao discurso dos dirigentes da florestania, tornando-o mais aceitável por parte da população acreana que a vê como uma autoridade no assunto.

4. Considerações finais

As falas alternadas de um apresentador e de entrevistados em consonância com as imagens mostradas na tela adquirem um contorno de completude sincrônica que potencializa a mensagem televisiva. Cada um desses elementos significantes, imagem e fala, organiza-se internamente, formando um sistema semiológico específico, cujo “funcionamento discursivo constrói universos de sentidos particulares, podendo a imagem jogar mais com a representação do sensível, enquanto a palavra usa a evocação que passa pelo conceitual” (CHARAUDEAU, 2006, p. 109). Dentro dessas características de cada um desses elementos, um potencializa o outro na obtenção do equilíbrio necessário para a credibilidade da mensagem.

Especificamente falando-se da imagem, condição primordial para a formulação de qualquer conceito sobre o veículo televisão, configura-se de suma importância ressaltar três dos seus tipos de efeitos: o da “realidade”, relativo à incidência direta do veículo sobre aquilo que surge no mundo; o efeito da “ficção”, “quando tende a representar de maneira analógica um acontecimento que já passou (reconstituição)” (CHARAUDEAU, 2006, p. 111); e o efeito de “verdade”, “quando torna visível o que

não era a olho nu” (CHARAUDEAU, 2006, p. 111). Levando-se em conta esses atributos e considerando-se a ideia de ser a mídia do visível, pode-se afirmar que a televisão proporciona dois tipos de olhar: o de “transparência”, quando se propõe a ser o instrumento encarregado de desvelar, mostrar o oculto, revelar o outro lado do espelho; e o da “opacidade”, estágio em que impõe uma semiologização peculiar do mundo, sua intriga e sua própria dramatização.

No que concerne ao elemento significante da fala, que pode adotar posturas diversas, indo do descritivo ao argumentativo, passando pelo narrativo, o que lhe cabe enquanto componente da mensagem televisiva é que ela conduza o enredo da história que se pretende contar. Assim sendo, é óbvio que nenhuma fala pode se dar ao luxo de enveredar por algum tipo de exercício de divagação, contrariando o objeto da imagem. Em se tratando da peça “entrevista”, a voz do apresentador é que dirige (ou tenta dirigir) o fio condutor do diálogo, na tentativa de extrair do entrevistado as informações necessárias para o esclarecimento da pauta em evidência.

O programa “Identidade – o Acre tem muito mais” configura-se num exemplo perfeito dessa consonância entre fala e imagem, a partir da entrevista de pessoas públicas de notório carisma popular. A apresentadora Elisângela Pontes nem precisou se esforçar muito para fazer perguntas que pudessem levar os seus entrevistados a responder de modo que ficassem evidenciados os benefícios da florestania. Leonardo Boff, o especialista bem como elemento disseminador de cultura, e Marina Silva, a política e testemunha, defensores da ideologia criada pelos governantes acreanos, precisavam apenas de um sinal para confirmar com os seus depoimentos os bons ventos da florestania.

“O novo conceito de cidadania não deve se restringir só aos seres humanos, mas incluir a natureza” (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003), disse Boff, em absoluta consonância com o que havia dito Antônio Alves Leitão Neto, quando da sua explicação sobre os elementos norteadores da nova ideologia. O mesmo que se pode dizer de Marina Silva, no tocante à concordância com os pressupostos da florestania, isolando-se vários fragmentos da sua fala, como nesse trecho: “A sustentabilidade se traduz em todas as dimensões da esfera social, cultural e política” (PROGRAMA IDENTIDADE – O ACRE TEM MUITO MAIS, Arquivo Audiovisual, 2002/2003). Exatamente como preconizara Leitão Neto ao falar do *check list* de sustentabilidades propostos pela florestania.

Tanto o discurso de Leonardo Boff quando o de Marina Silva, respectivamente o especialista/cultural e a política/testemunha, levado ao ar pela TV Aldeia, defendendo o modelo de desenvolvimento regional proposto pela Frente Popular do Acre, tendo como elemento central o aproveitamento dos recursos naturais sem explorá-los predatoriamente, ajudaram de maneira eficaz a moldar na cabeça dos acreanos novas noções de progresso.

Ressalte-se que a florestania era mais do que um discurso. A Frente Popular se esforçava para adotar uma postura coerente com a sua teoria. Entretanto, pouco se teria avançado no terreno do convencimento da população acreana se não houvesse essas figuras representativas como Leonardo Boff e Marina Silva para fazer ecoar e legitimar o discurso. É provável, até, que as ações dos integrantes da Frente Popular pudessem produzir algum convencimento do público ao longo do tempo, na medida em que as pessoas pudessem perceber que as mudanças estavam melhorando as suas vidas. O discurso dos especialistas, políticos e autoridades veiculado pela televisão, porém, transportado para cada lar e coração em tempo real, certamente acelerou o processo.

Nos discursos de Leonardo Boff e Marina Silva ficam evidentes as mudanças pelas quais o Acre passou desde o começo do século XX, quando da anexação do referido território ao Brasil, após uma guerra contra os bolivianos, originários donos da terra, até os dias em que a Frente Popular passou a dirigir o Estado. São mudanças que podem ser divididas em três momentos: “extrativismo empírico”, na primeira metade do século XX, quando havia o entendimento que a natureza, dada à exuberância da floresta amazônica, era inesgotável; “investimento na pecuária”, na década de 1970, quando o país vivia os anos da ditadura militar, caracterizado por ações que desprezavam as relações do homem com a natureza; e o “desenvolvimento sustentável”, cuja essência motriz é a ideia de que as relações do homem com a natureza devem ser harmônicas e pautadas num respeito profundo.

Esses três momentos, cuja dinâmica é habilmente destacada pela entrevistadora e pelos entrevistados do programa “Identidade – O Acre tem muito mais”, para criar nos acreanos um sentimento de pertencimento, podem ser mais bem compreendidos a partir dos autores Schimink e Cordeiro (2008). De acordo com eles, na virada do século XX a capital acreana funcionava exclusivamente como um centro mercantil para fornecimento de bens e serviços à área rural, local onde o extrativismo da borracha se expandia, mas que, posteriormente, entrou em declínio. Depois disso, por causa desse

declínio foi rompida a base econômica e social do Estado, fazendo com que os moradores da floresta fossem expulsos para as cidades, a partir da ocupação das suas terras por fazendeiros do sul e do sudeste do país. E, por último, um retorno às origens, com base em técnicas de desenvolvimento sustentável e respeito à natureza, a partir das políticas dos novos dirigentes, sintetizadas nas propostas da florestania.

As vozes do programa “Identidade – O Acre tem muito mais”, como as de Leonardo Boff e Marina Silva, levadas ao ar pela TV Aldeia, falaram de uma mudança de tempos no Acre e ajudaram a estabelecer um convencimento, principalmente daquelas criaturas mais céticas, de que o Estado, além de viver um novo e melhor tempo, dava exemplo para o planeta de ser possível e viável desenvolver sem depredar.

5. Referências bibliográficas

ALVES, Antônio. **Artigos em Geral** – Arqueologia do Recente (Livro Três). Rio Branco: Valcir, 2004.

_____. **Florestania**. Artigo. www.bliotecadafloresta.ac.gov.br/colaboradores. 2 de novembro de 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2006.

IDENTIDADE – O Acre tem muito mais. TV Aldeia. Rio Branco: 2002/2003.

LACLAU, Ernesto e MOUFFE, Chantal. **Hegemonia y Estrategia Socialista** – Hacia una radicalización de la democracia. Madrid : Siglo XXI, 1987.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2013.

PINHEIRO, Francisco de Moura. **A invenção da florestania** – A participação da mídia acreana na construção de um novo discurso ideológico. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2013.

SANT’ANA JÚNIOR, Horácio Antunes. **Florestania: a saga acreana e os povos da floresta**. Rio Branco: Edufac, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice - O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. e MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHIMINK, Marianne e CORDEIRO, Mâncio Lima. **Rio Branco** – A Cidade da Florestania. Belém: Universitária – UFPA, 2008.